

## **RESISTÊNCIA E DESAFIO: TRAÇOS DO PENSAMENTO DE PÊCHEUX NO BRASIL**

Luiz Francisco DIAS  
Universidade Federal de Minas Gerais

Passados 20 anos da morte de Michel Pêcheux, os estudos em torno das suas idéias ainda se mostram vigorosos no Brasil. Certamente, a grande maioria dos trabalhos desenvolvidos sob o amparo dessas idéias se insere no campo que no nosso País está qualificado como Análise de Discurso. Mas o uso desta designação passa por recortes teóricos diferenciados, tanto no Brasil como na Europa. Particularmente no Brasil, este nome ganhou força nos meios acadêmicos nos últimos 20 anos. Ao mesmo tempo, com a especificação dos conceitos que passaram a sustentar as pesquisas nesse campo, criaram-se extensões no sentido de indicar as diferenças entre esses conceitos. Dessa forma, temos “Análise Crítica do Discurso” e “Análise de Discurso Francesa”. O primeiro nome tem relação com uma linha de trabalho de origem anglo-saxã. O segundo poderia indicar uma homogeneidade em torno dos conceitos sobre discurso desenvolvidos na França. Mas isso também não ocorre, tendo em vista que há toda uma gama de pesquisas voltadas para o estudo do discurso desenvolvidas na França que não compartilham das idéias de M. Pêcheux. Alguns estão mais próximos da semiótica, outros se encaminham para uma teoria da argumentação. Há, nesse sentido, pesquisadores que fazem Análise de Discurso, mas não de linha francesa, e outros seguem uma linha francesa, mas não tomam as idéias de Michel Pêcheux como marco teórico. Dessa forma, tudo indica que estamos caminhando para uma configuração de trabalho muito específica em torno das idéias de Pêcheux no Brasil, uma vez que, reconhecidamente, na França, as idéias de Pêcheux não são mais tomadas como fundamento em pesquisas nos estudos da linguagem. Essa especificidade está ganhando uma distinção tal que já se justifica o termo “Escola Brasileira de Análise de Discurso”. Ela nasce justamente do desenvolvimento das pesquisas em torno das idéias de Pêcheux. Nas breves linhas a seguir, vou traçar alguns aspectos do pensamento de Pêcheux que se configuraram como traços determinantes do trabalho em Análise de Discurso (AD), na sua especificidade brasileira. Vou tomar como ponto de partida, no sentido de delinear aspectos do pensamento de Pêcheux, o texto “Sur la (dé-)construction des théories linguistiques”, que ele publicou em 1982.

Nesse texto, Pêcheux afirma que Saussure se dispunha a “pensar contra seu tempo”, uma vez que buscava, não a origem da linguagem ou suas determinações

de ordem biológica, lógica ou filosófica, mas aquilo que constitui propriamente a língua. Mas, entende Pêcheux, o destino deste projeto ainda não se cumpriu, uma vez que, no decorrer da constituição da ciência lingüística no século XX, vão se incorporando ao projeto de conhecimento da língua como pensado pelo mestre genebrino “interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas das intuições saussureanas”. Essas incorporações, consideradas diásporas intelectuais por Pêcheux, produziram o efeito de mergulhar a lingüística em questões de biologia, de lógica e de psicologia (individual ou social). No seu entender, ao promover uma rarefação do lingüístico, em função de uma “articulação dual do biológico com o social”, os lingüistas situavam a ordem humana como “ordem estritamente biossocial” (p. 44). O sujeito psicológico comparece na lingüística justamente para operar a articulação entre o biológico e o social. Na medida em que o psicológico assume esse papel, o simbólico perde lugar, vale dizer, o significante é afastado dos fatos que constituem a ordem humana. Na perspectiva de Pêcheux, a fenda entre o biológico e o social é um efeito do simbólico. Investir na compreensão desse efeito do simbólico na constituição da ordem humana, portanto, significava mobilizar uma resistência contra o narcisismo da consciência humana, que insiste em negociar uma articulação entre o biológico e uma espécie de gestão de “si mesmo”, como mestre/escravo de seus gestos, palavras e pensamentos (p. 44). A tarefa seria pois a de observar o trabalho da letra, do símbolo, do traço. O significante não participaria da ordem humana nem pelo viés da atitude ou comportamento, e muito menos pelo viés do conhecimento. Nesse sentido, o sujeito é significado e atravessado por um corpo de significantes inscritos em redes de significação discursivamente configuradas. Produz-se assim um lugar para se pensar o “trabalho do significante no registro político” (p. 44).

O conceito de *resistência* aparece aqui como um dos traços marcantes do texto. Pêcheux traz com certa constância a idéia do desvanecimento do ponto inaugural de Saussure no desenvolvimento da lingüística no decorrer do século XX. Parece que Pêcheux conduz o leitor a admirar Saussure. Mas tudo indica que essa admiração passa pelo fato de Saussure propor um rompimento na história do pensamento sobre a linguagem, no momento em que ousa perguntar onde está propriamente a língua. Ao falar em resistência, Pêcheux fala, portanto, da resistência frente aos lugares de observação da língua que se constituíram ao longo do século XX no terreno da lingüística. Mas essa idéia de resistência traz consigo um outro conceito, também muito importante no texto em análise: *desafio*.

O desafio está justamente em pensar a língua como condição de existência de universos discursivos nos quais a “ambigüidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável” (p. 50). Nesses universos, o equívoco comparece na ordem

constitutiva do próprio fato lingüístico. Os deslizamentos do sentido não podem ser concebidos como acidentes da gestão administrativa dos espaços de estabilização do significado. Longe disso, para Pêcheux, esses deslizamentos são constitutivos do jogo das diferenças, alterações e contradições implicadas na ordem do simbólico. Eles são incontornáveis, e escapam da manipulação ostentatória operada pelos locutores, que visa a produzir um “salvamento” do equívoco, caracterizando-se a heterogeneidade mostrada<sup>1</sup>.

Em estudo sobre o orgânico e o enunciativo na sintaxe (Dias, 2002), a partir dessa concepção de Pêcheux, procurei fornecer uma direção específica a esse jogo das diferenças na ordem do simbólico.

A linguagem se produz na relação constitutiva entre a dimensão material e a dimensão simbólica. Pensar no limite do material é pensar numa onda sonora produzida no intervalo entre dois silêncios<sup>2</sup>. Pensar no limite do simbólico é pensar algo como “idéias sem fronteiras”, idéias não mapeadas pela história. Ambos os extremos dessa relação projetam zonas de desfalecimento da identidade da linguagem. As línguas, por sua vez, produzem seus recortes e adquirem suas identidades entre uma zona e outra, exatamente a partir de um processo em que, por um lado, o simbólico se “historiciza” e, por outro, o material se faz articulável. Articulação é uma relação na qual unidades de um extrato da materialidade lingüística formam seqüência linear com unidades de outros extratos. Esta é a base dos processos de coordenação e de subordinação, não só entre sentenças, mas também entre sintagmas e vocábulos. Apesar de operar numa relação constitutiva, as duas dimensões são discrepantes: nem todas as modulações do representável (dimensão simbólica) encontram correspondência nas formas de representação (dimensão material); por outro lado, as formas de representação ora se mantêm aquém, ora ultrapassam a sua capacidade de representação. Em outras palavras, temos, de um lado, formações simbólicas não projetadas nas unidades e nas formas articuladas; de outro, formas articuladas que projetam formações simbólicas dispersas. Essa discrepância constitutiva entre o material e o simbólico produz uma *demanda de saturação*.

Essa demanda de saturação faz da sintaxe um ponto de cruzamento entre o uno e o múltiplo; em outros termos, um ponto em que a conjunção reúne o que já foi diverso e a disjunção distingue o que já foi unitário.

O fato lingüístico, portanto, é definido a partir da tensão entre uma estabilidade da unidade, marcada na linearidade, isto é, pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático, de um lado, e a verticalidade própria de um

---

<sup>1</sup> Referência direta aos trabalhos desenvolvidos por Authier-Revuz, já bastante divulgados no Brasil.

<sup>2</sup> A escrita seria mera representação dessa onda.

domínio de forças a ser representado, de um outro. A demanda de saturação diz respeito portanto a uma relação constitutiva entre a dimensão material e a dimensão simbólica.

Uma breve sondagem nos dois enunciados a seguir pode projetar os desafios de se pensar a relação entre as duas dimensões.

(1) *Carla queria ser modelo, mas não é*

(2) *Eu não posso, mas vou emprestar-lhe o dinheiro*<sup>3</sup>

Em (1), a sentença introduzida pelo *mas*, leva à produção de um efeito de oposição entre as duas sentenças. No entanto, a segunda sentença, num horizonte unidimensional de análise, nada mais faz do que afirmar uma consequência da primeira. Ela teria equivalência em (1'):

(1') *Carla queria ser modelo. Nunca conseguiu*

O enunciado (2) também nos causa estranhamento. A sentença introduzida pelo *mas* traz uma afirmação sobre algo prefigurado como impossível na sentença principal. Pela visão produzida no horizonte da estabilidade lógica, teríamos algo como (2'):

(2') *Eu não posso. Portanto, não vou emprestar-lhe o dinheiro*

Dessa forma, a atuação do *mas*, enquanto elemento que participa de uma relação específica entre duas unidades sintáticas, parece ultrapassar em muito as relações lineares que se estabelecem entre essas unidades. No entanto, não podemos negar que o *mas* tenha um papel específico na marcação de contraste entre as duas unidades (sentenças).

Dessa forma, a questão requer um tratamento que leve em conta a pertinência das construções com o *mas* na constituição da linearidade, isto é, no *plano da organicidade sintática*, de um lado; e, de outro lado, no *plano do enunciável*, isto é, do que pode ser dito (ou foi dito) em outras situações discursivas.

Quero, portanto, investir numa análise que possa contemplar dois planos de constituição do fato lingüístico: o *plano da organicidade* e o *plano do enunciável*. Nesse sentido, no *plano do enunciável*, há que se conceber, tanto em (1) como em (2), dois níveis de enunciação diferentes, por isso, não se chocam, isto é, não constituem uma contradição. É no *plano da organicidade*, através do *mas*, que os dois níveis se cruzam, e passam a ser orientados para um mesmo ponto. Sendo assim, (1) e (2) podem ser concebidos como textos. Construir um texto envolve, dentre outras coisas, produzir uma direção para o enunciável, orientar o enunciável para uma unidade. A unidade textual é resultado de um projeto de orientação do que se deve/pode ser enunciado segundo determinadas condições de produção

---

<sup>3</sup> Enunciado mencionado na dissertação de Ana Berenice Peres Martorelli, defendida na UFPB, em janeiro de 2001.

(Guimarães, 1987). Dessa forma, o papel do “mas”, em (1), não é apenas o de aproximar os dois níveis de identidade, mas o de indicar o ponto de cruzamento a partir do qual eles passam a ser co-orientados, apesar de opostos.

Assim, no *plano da organicidade*, o *mas* foi ativado tendo em vista o papel de marcar contraste ou oposição; no *plano do enunciável*, por sua vez, o *mas* marca a orientação simultânea das duas identidades. Temos aqui um efeito de fechamento. É algo que se fecha deixando expostas as aberturas. Na formulação textual, o *mas* denuncia essas aberturas/rupturas.

A oposição inerente às construções com *mas* não se constitui “a priori”. Ela se constitui na relação entre o orgânico e o enunciável na textualidade.

Situar-se na dimensão do simultâneo, do fechamento e da abertura operando em concomitância, ou na dimensão em que a linearidade se produz como efeito das junções entre unidades disjuntas, chegando na dimensão das discrepâncias entre o simbólico e o material, constitui-se numa das faces da natureza das reflexões herdadas do pensamento de Pêcheux.

Neste momento, volto para o texto de Pêcheux que nos guia neste estudo. Especificamente, quero trazer uma nota de rodapé, na qual ele relembra que a América descobriu Lacan, Barthes, Derrida e Foucault com vinte anos de defasagem (década de 80). Da mesma forma, Husserl e Sartre chegaram lá a partir dos anos 60. Nesse tempo, nos termos de Pêcheux, “a origem do fenômeno cessa de se mover, para se tornar um objeto intelectual consumível” (p. 45). Tendo em vista essa reflexão, quero dizer que a linha de análise que orienta os trabalhos desenvolvidos no Brasil sob a orientação do pensamento de M. Pêcheux, ao se situar nos eixos da *resistência* e do *desafio*, demonstra que a origem do fenômeno com o qual lida a Análise de Discurso no nosso País não cessou de se mover. Portanto, Pêcheux (ou suas idéias) não se tornou objeto consumível. Nesse sentido, a partir de uma frase de Benveniste, que dizia ter Saussure ficado sozinho com seus problemas, quero afirmar, por outro lado, que Michel Pêcheux, no Brasil, não ficou sozinho com seus problemas.

## **Bibliografia**

DIAS, L. F. O fato lingüístico e a constituição de um saber de entremeio. In: RÖSING, T. M. K. & BECKER, P. (orgs.) *Jornadas literárias de Passo Fundo: 20 anos de história – Ensaios*. Passo Fundo: UPF/Edelbra, 2001. p. 191-198.

DIAS, L. F. Fundamentos do sujeito gramatical: uma perspectiva da enunciação. In: ZANDWAIS, A. (org.) *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: UFRGS/Sagra Luzzatto, 2002. p. 47-63.

FERREIRA, M. C. L. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: ed. da UFRGS, 2000.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. (1982) Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. Trad. Brasileira : *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n. 4, 1998. p. 35-55.